

TRANSDISCIPLINARIDADE E OUTROS CORPOS

Rita Gusmão¹

RESUMO

Neste artigo faz-se uma reflexão sobre a transdisciplinaridade na arte como mediadora de conceitos pós-modernos e como método de trabalho para o ator e para o pesquisador em Artes Cênicas.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade. Metodologia. Corpo.

Perceber a natureza da transdisciplinaridade e seu envolvimento com a atividade artística é o exercício de elaboração de uma poética. Entre esses dois campos de abordagem do mundo existe uma interface que aponta para a superação de um cânone que entrou para o senso comum e que, por isso mesmo, parece à primeira vista ser o mais adequado e correto para a produção de conhecimento. O paradigma de que se fala neste momento é o Cientificismo, aquele que entende e defende o conhecimento científico como superior a outras abordagens do conhecimento.

Esse Cientificismo se organizou a partir da Física Clássica e por isso é também chamado Cientificismo Clássico. Desde o final do século XVIII até as primeiras décadas do século XX, houve uma predominância absoluta de princípios da Mecânica e do Eletromagnetismo que poderiam ser resumidos sob alguns dos conceitos considerados básicos para o Cientificismo Clássico:

1. Determinismo – os estados futuros de um sistema físico estão rigorosamente fixados por seu estado presente e pelas forças que sobre ele atuam;
2. Separabilidade – os corpos podem ser divididos em um número qualquer de partes para sua análise. As propriedades do todo são redutíveis às partes;

1

¹ Doutora em Arte pela Universidade de Brasília (2014). Mestra em Multimeios pela Unicamp (2000). Graduada em Educação Artística pela Universidade de Brasília (1994). Trabalha atualmente como Professora Assistente da Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Curso de Graduação em Teatro, onde participa das modalidades de Bacharelado e de Licenciatura (desde 2002). Tem experiência nas áreas de Teatro, Performance, Videoarte e Videoinstalação. Desenvolve trabalhos como atriz, diretora, captadora e produtora de espetáculos e eventos artísticos culturais. Desenvolve a palhaça Colibri desde 1996. Contato: ritagusmao2@hotmail.com

3. Localidade – (ou causalidade local) as influências de um corpo sobre outro diminuem de intensidade com a distância do corpo fonte;
4. Linearidade Dos Efeitos Fundamentais – o efeito de duas causas atuando simultaneamente é igual à soma dos efeitos que cada uma delas produziria se atuasse isoladamente;
5. Ontologia – leis teóricas que insistem em correlacionar partículas e/ou campos nas análises e sínteses dos corpos;

A produção de conhecimento do pós Segunda Guerra Mundial, aproximadamente desde os anos 1945, aponta um estado radicalmente diferente do entendimento do mundo e de seus paradigmas, a ponto de transformar a própria ciência. Trata-se de uma revolução das percepções e dos instrumentos de abordagem do contexto sociocultural e físico-estrutural que pode ser comparado, parafraseando J. Bronowski (1986), às revoluções originadas na invenção da agricultura, na invenção da escrita, na invenção da arte, na invenção da vida urbana e na própria invenção da ciência.

A ciência clássica deu conta de criar uma magia, a magia da tecnologia, no sentido de uma forma de alcançar o imaginável, opondo o poder e o conhecimento como avatares do mundo humano. Mas a tecnologia tornou-se parte da sensibilidade humana, gerando uma nova linguagem e novos comportamentos socioculturais e afetivos. A habilidade de manipular os artefatos tecnológicos, e sua filosofia de manipulação, tem trazido para os seres uma espécie de libertação da repetição de algo que esteve presente noutra momento ou instante, em função de uma presença flexível da imaginação conceptual; isso, nas palavras de Jacques Derrida, é uma “síntese de marcas, de rastros de retenções e pretensões, [por sua vez] simultaneamente espaçamento e temporização” dessa imaginação (DERRIDA, 1986, p. 44). Nesse espaço é que a transdisciplinaridade aparece como uma poética para a arte.

Parte-se aqui da definição de transdisciplinaridade como construída por Basarab Nicolescu:² “Diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu

2

² Físico teórico romeno, diretor CNRS/Paris.

objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (1999).

A transdisciplinaridade estabiliza-se para além da interdisciplinaridade, “transferência de métodos de uma disciplina para outra, seja na aplicação, seja na organização de epistemologia, seja na geração de uma disciplina nova”, e da pluridisciplinaridade, “estudo de um objeto de uma única e mesma disciplina por várias disciplinas simultaneamente” (Idem).

A possibilidade de entendimento e de utilização da perspectiva transdisciplinar está ligada a um cientificismo, contudo, este se organiza atravessado por percepções trazidas pela física quântica. Os princípios que a física quântica desenvolve podem ser resumidos da seguinte forma:

1. Descontinuidade – a energia tem uma estrutura descontínua, que contém vazios;
2. Não separabilidade – as entidades/elementos/corpos interagem de modo contínuo mesmo em afastamento;
3. Causalidade global – conjuntos de sistemas coexistem em todas as entidades físicas;
4. Contraditórios não exclusivos – coexistência paradoxal de parâmetros numa linha do tempo que é descontínua;
5. Indeterminismo – a posição de um quantum (em oposição a corpo e onda) num ponto do espaço e do tempo é parcialmente determinável, por ser descontínua, e aleatória;
6. Níveis de realidade – variedade de sistemas que em si são invariantes sob a ação de um conjunto de leis gerais, mas que mudam de natureza quando surge a ruptura; trata-se de níveis de percepção da realidade que dão conta das realidades multidimensional e multirreferencial;
7. Complexidade – sistema de percepção da realidade em que a interdependência é a base.

Para a transdisciplinaridade, Nicolescu aponta os seguintes pilares fundamentais:

- Coexistência de Níveis de Realidade

Sendo a Realidade aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições, imagens ou formalizações matemáticas. E seus níveis, o

conjunto de sistemas invariantes que se diferenciam quando há ruptura de qualquer lei geral e do conceito fundamental que o rege; essa ruptura é periódica.

- Complexidade

O entendimento da “sociedade como *dinâmica não linear, complexa, ambígua e ambivalente*” (DEMO *apud* COSTA, 2010, p. 81/2). A Complexidade, é não apenas uma marca estrutural e histórica do modo de vir a ser da realidade, mas também do conhecimento. Dessa ideia não decorre o princípio epistemológico ultrapassado da adequação da realidade ao intelecto, como se o modo de ser e de vir a ser da realidade devesse se encaixar perfeitamente no modo de ser e de vir a ser do conhecimento. Trata-se de fenômenos dotados de “*dinâmicas contrárias*” (Idem). O modelo de ser humano e de sociedade que ultrapassou a falência do cartesianismo se coloca como multidimensional.

- Lógica do Terceiro Incluído

Não há opostos, mas, sim, contraditórios que convivem, e a tensão entre estes promove uma unidade mais ampla que os inclui.

Diante de uma tal composição do conhecimento, a arte é o desafio de criar relações desta com a formação do artista; e o artista cênico tem como matéria prima a pessoa, e o que de humano ela mantém nas suas relações com o outro e com o ambiente. O contexto exige desenvolver a linha de coexistência e complexidade no discurso do corpo, o que não chega a ser uma novidade, pois vários pesquisadores a buscaram, o que diferencia o momento atual é a inclusão de elementos que estiveram cristalizados e hoje são flexíveis e imaginativos: *tempo, abstração e sentido*.

O corpo transdisciplinarizado possibilita uma poética (um pensamento sensível que lida com os meios simbólicos e com os sentidos), que emerge das habilidades de sensibilidade e de entendimento, unificadas como sugere Imanuel Kant (*Crítica da razão pura*), pela imaginação, que esquematiza a consciência. Noutras palavras, o corpo é transdisciplinarizado por uma percepção da descontinuidade do tempo, da presença e da influência da abstração no entendimento do mundo e da abrangência do sentido em oposição ao determinismo do significado. O corpo transdisciplinarizado não é apenas uma unidade de tempo e de espaço, mas sim uma extensão temporal, uma duração que percebe e interfere na percepção do tempo para todos aqueles com quem convive

na manifestação artística. Essa condição traz possibilidades para o trabalho criativo na cena ao abrir espaço para fluxos contínuos conscientes no que antes era uma lógica de entendimento e decifração dos signos.

Para levar o corpo a constituir para si uma ação transdisciplinar, pode-se partir do tempo como um *não manter o espírito em parte alguma*. Nessa busca, a intensidade é a ação no tempo presente, o que torna mais fácil conquistar frescor e criatividade, considerando uma chave de sentidos da técnica de utilização do tempo da consciência. Uma sincronização entre o tempo externo da percepção e a lógica de produção de sentidos que, por sua vez, é de exteriorização nesse tempo presente da expressão do entendimento. Isso é possível pela opção de compartilhamento de ferramentas criadoras no instante da apresentação da manifestação artística. Um exercício de integração e de abandono consciente da linearidade diante da arte. Um campo de aprendizado para artistas e fruidores que necessita da aceitação da abstração como valor intrínseco ao relacionamento entre estes e a manifestação artística.

Para a *abstração*, pode-se trabalhar com uma definição que a caracteriza como *atenção inclusiva*: o particular e o geral integrados sem hierarquia, como uma busca de compor mentalmente e transferir para o corpo em moto contínuo todos os elementos estéticos que a manifestação oferece à fruição. Como um transe consciente, em que se disponibiliza o corpo para receber e emitir fluxos de força que o atravessam nos instantes de compartilhamento do tempo e do espaço entre artista e espectador.

E o *sentido*, pode-se explicar como a *expressão lúdica dos vetores* da manifestação. A manutenção do estado de expressão, sem buscar significados, mas sim *atmosferas de impacto e de impulsão*, tanto para artistas quanto para fruidores no mesmo tempo e espaço. O paradoxo dessa situação é que o presente se torna o próprio signo do signo proposto pelo artista, torna-se o rastro da comunicabilidade e da convivência.

Para realizar no corpo esses parâmetros, pode-se aplicar jogos de mimesis que se tornam paulatinamente de composição atoral. Nos jogos de mimesis sugere-se utilizar-se de figuras emblemáticas por sua intensidade de variações culturais e por suas características alcançáveis pela memória, mesmo de pessoas muito jovens. Por exemplo, o guerreiro, a gueixa, o velho e a criança. O processo consiste

em passar por cada uma dessas mimesis, encontrar o sentido/atmosfera predominante de cada uma, localizar no corpo um centro energético que a alimente, e, em seguida, utilizar essas características para compor personas ficcionais ou personagens.

Essas relações podem ser compreendidas como uma forma de investigar a ampla compreensão do corpo e do espírito que a transdisciplinaridade possibilita, porque atua simultaneamente em afetos, pensamentos e na própria corporalidade artificial da cena. A transdisciplinaridade do corpo necessita de uma atitude estética diante do ambiente e do outro, de concentração criadora e dirigida e da precisão, como ferramentas do corpo do artista, mas também como atitudes do fruidor. A transdisciplinaridade se realiza pela composição de guerreiros, gueixas, velhos e crianças que habitem a memória imaginativa de cada ator/atriz, e o mesmo vale para cada uma das atmosferas a serem desenvolvidas no encontro com o fruidor. Não há um modelo correto e pré-definido a ser copiado, mas sim uma atitude corpóreo-afetiva a ser desenvolvida.

Há que se levar em consideração que na relação entre imagem e referente, isto é, entre os objetos que a imagem representa e a memória de cada um de seus criadores, há três tipos fundamentais de produções: as não-representativas, as figurativas e as simbólicas. Todas são construídas na percepção e por ela, nos tempos fisiológico, biológico e lógico, material de manipulação para artistas e fruidores, que precisam estar conscientes dessa necessidade de manipular a percepção para que ela se amplie para além do imediato e do senso comum.

Do ponto de vista do tempo, essa tipologia de imagens divide-se em dois grupos distintos: de um lado, as figurativas, fortemente marcadas pelo tempo do seu referente e, de outro, as abstratas e simbólicas, fracamente marcadas pelo tempo do referente, até o extremo da temporalidade em fluxo, que será tanto mais efetiva quanto a consciência de quem percebe esteja em estado de disponibilidade, porosidade e pouca reatividade. Quanto mais for possível abrir mão do automatismo dos hábitos em função da qualidade de sensações, mesmo que vagas e indefiníveis, mais o processo de leitura da manifestação artística será de transformação e de relação, e menos de transmissão e de manutenção de ordem.

O corpo e a transdisciplinaridade são elementos de uma arte que se cria na evanescência, que se assume como uma manifestação de algo que pode existir, que

pode existir somente na percepção, que pode ser somente imaginável ou que ainda não tenha sido sequer imaginado. Uma qualidade, uma relação, quando seres vivos e presentes no mesmo tempo e espaço podem investigar índices compartilháveis, sem o compromisso de conduzir a uma definição única ou homogênea. Esses parâmetros surgem como fato diante de uma sociedade que está imersa num contexto de interações próximas e distanciadas por aparelhos eletrônicos, na qual o universo é um tempo manipulável, reversível, reiniciável em qualquer tempo.

REFERÊNCIAS

BRONOWSKI, J. *Magia, ciência e civilização*. Tradução de Maria da Luz Veloso. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1986.

COSTA, Carlos Zibel. *Além das formas*. Introdução ao pensamento contemporâneo no design, nas artes e na arquitetura. São Paulo: Annablume, 2010, p. 81/2.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costae António M. Magalhães. Porto/POR: RÉ – Editora, 1986.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.